

A RECEPÇÃO DA LITERATURA PORTUGUESA NO BRASIL MERIDIONAL DO SÉCULO XIX

Artur Emilio Alarcon Vaz - FURG ¹

Sempre se comenta a intensa influência da literatura portuguesa na brasileira ao longo do século XIX, principalmente até o início do Romantismo, quando teria começado - tanto politicamente, quanto esteticamente – uma lusofobia, com a ascensão progressiva da cultura francesa.

Laurence Hallewell particulariza a influência francesa na sociedade brasileira no século XIX, que estava substituindo lentamente a influência lusa reinante durante os séculos anteriores, ‘em todas as esferas da vida brasileira’, da política à arte (cf. HALLEWELL, 1985, p. 73).

A região sulina, assim como outras, sofreu uma influência direta da literatura lusa, devido à venda de livros importados de autores canonizados e à reprodução de poemas e contos portugueses em jornais, almanaques e outras publicações periódicas. Eulália Maria Lahmeyer Lobo (2001, p. 11) registra que

apesar da importância econômica, social e política da emigração portuguesa para o Brasil, em particular do movimento de massa que ocorreu de fins do século XIX à terceira década do século XX, a bibliografia sobre este tema é escassa se comparada à relativa à emigração de italianos, alemães e de outras nacionalidades.

Isto ocorria de forma concomitante e paradoxal à lusofobia existente no país ao longo do século XIX e que responsabilizava os portugueses pelo atraso nacional, compreensível em função das recentes lutas pela independência. Entretanto, o próprio estudioso prova essa influência lusa em outros dois momentos de seu livro. Num, lembra o interesse de leitores pela literatura portuguesa:

Embora os leitores brasileiros de hoje não sejam apaixonados pela literatura portuguesa contemporânea, isto não ocorria antes de 1930. No século XIX, nomes como Camilo Castello Branco, Almeida Garrett, Castilho, e – depois

¹ Professor doutor de literatura portuguesa na Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

de *O primo Basílio* (1878) – Eça de Queirós desfrutavam de uma imensa popularidade no Brasil (HALLEWELL, 1985, p. 172).

Noutro momento, Hallewell sintetiza a opinião de Gilberto Freyre, expressa em *Ordem e progresso* (1959), de que

o romancista nacional preferido era José de Alencar. O autor europeu mais lido naquela época era Eça de Queirós, seguido por Zola e Anatole France. Os poetas mais populares eram Castro Alves, Gonçalves Dias, Olavo Bilac e, de Portugal, Guerra Junqueiro (HALLEWELL, 1985, p. 188).

O apogeu econômico e cultural da região localizada ao extremo sul do Brasil ocorreu na segunda metade do século XIX, período em que havia essa forte influência lusa que contradizia o discurso histórico usual de lusofobia. Em 1835, o comércio gaúcho – e também a riqueza e um movimento cultural mais intenso – estava estabelecido num eixo no norte, entre as cidades de Porto Alegre e Rio Pardo, e outro no sul, entre Rio Grande e Pelotas, mantendo-se até o final do século, pelo menos.

Apesar da repetição dessa manutenção da influência lusa em vários autores e histórias da literatura brasileira, pouco se verificou esse argumento em fontes primárias do século XIX, como testamentos, propagandas de jornais e catálogos de bibliotecas e livrarias. Esse é o objetivo dessa pesquisa, focando esse movimento de forma específica na cidade gaúcha de Rio Grande, primeira cidade fundada no RS, em 1737, e sede da primeira biblioteca gaúcha, em 1846.

A pesquisa baseia-se em quatro fontes: (a) os livros citados em testamentos realizados em Rio Grande, entre 1800 e 1850, e coletados por Jorge Araújo (1999) em seu livro *Perfil do leitor colonial*; (b) a lista de livros publicados em Rio Grande, entre 1831 e 1869; (c) as propagandas de livreiros entre 1849 e 1855; (d) os livros incluídos no *Catálogo* de 1877, da atual Biblioteca Rio-Grandense, recém-citada.

Na pesquisa realizada por Jorge Araújo nos testamentos realizados em Rio Grande, há diversos livros e autores portugueses, como *A História de Portugal, Lisboa edificada, Investigador Português, Ruínas, Esopaida*, além de vários autores de outras línguas (ou mesmo em latim) em traduções publicadas em Portugal.

A obra *Esopaida*, de 1734, de Antonio José da Silva (o Judeu), é uma dos textos mais lidos desse período, com diversas edições e cuja repercussão chegou inclusive em Rio Grande. No mesmo patamar, está as *Ruínas* (1791), de Volnei, e *Ulisseia ou Lisboa*

edificada (1636), de Gabriel Pereira de Castro, obras igualmente importantes no século XVIII, mas hoje pouco lidas, mesmo no meio acadêmico.

Mesmo que parcamente, esse é um critério que mostra a influência da literatura e das tipografias portuguesas no que era lido nesta cidade gaúcha, ao lado de obras em inglês, francês e alemão.

No item das obras publicadas em Rio Grande nesse período (disponível no site www.dla.furg.br/fontes), encontram-se diversos aspectos que se relacionam de alguma forma à literatura portuguesa.

Uma das vertentes é a publicação de obras de imigrantes portugueses radicados nessa região, como o dramaturgo José Manoel Rego Vianaⁱ e o poeta Antônio José Dominguesⁱⁱ, este com versos dedicados à proclamação do rei (“Ao jovem monarca D. Pedro V”) ou a morte da rainha Estefânia (“Epicédio”):

Majestade, poder, beleza e graças,
Os encantos do amor, as mil venturas,
Que na mente o porvir T’improvisava,
Um sopro Te desfez! És hoje apenas,
Por mais que d’ouro, e seda Te recubram,
Por mais disfarces que a vaidade invente
Pútrido espólio que reclamam vermes!
D’Estefânia mortal, eis o que resta!
Já basta de falar dos acidentes,
Que nutrem d’ilusões a raça humana. (...)
Uma prece Te faço, ó Deus, ordena
Que à mansão dos mortais, fendendo as trevas
Desça Estefânia de fulgor cercada,
Qual se ostenta no céu; que Pedro a veja
Em sonho, ao menos, suspender-lhe as mágoas;
No fido coração, todo saudade
Lh’instile meiga o bálsamo celeste (SOUZA, 1860, p. 70-72)

Outra proposta era autores que tematizavam eventos portugueses com interesse da comunidade lusa imigrante, como Francisco Xavier Ferreira e seu *Relação dos festejos, que fizeram os portugueses residentes na vila do Rio Grande do Sul, em demonstração de seu júbilo pelo restabelecimento da paz, e da liberdade, na sua pátria* (1834)ⁱⁱⁱ, e João Antonio de Carvalho e Oliveira (1806-1872), com seu *Defesa dos portugueses feito na província do Maranhão dedicada aos seus compatriotas residentes no Brasil* (1857), ou mesmo *O Marquês de Pombal*, de Clémence Robert, publicado pela tipografia de Antonio Estevão, em 1857.

A obra de Xavier Ferreira relata as comemorações do fim da Guerra Civil instalada em Portugal entre miguelistas e tropas liberais de Dom Pedro IV e, ao final, há um poema – entre outros – de Delfina Benigna da Cunha sobre o restabelecimento da paz em Portugal

Nebulosos tempos de terror d'espantos!
Parabéns, ó mortais, já são passados;
Da Lusa gente os feitos sublimados
Cantar quisera mais não posso tanto.

Banhando as faces de prazer em pranto
Os Lusos vejo todas transportados,
Dirigindo mil votos inflamados
Ao puro, ao justo Céu, sereno, e santo.

O Português renome hoje revive;
Triunfou a razão, a Liberdade,
Ninguém ó Lísia de seus bens deprive.

Das trevas dissipou-se a densidade;
Mais e mais em teu seio a luz se ative;
Não triunfe de ti a iniquidade.

Esses exemplos demonstram como a cultura lusa não era só um verniz na produção de obras locais, influenciadas pela cultura francesa, mas demonstram que a leitura de obras estrangeiras era predominantemente lusa ou, pelo menos, passava pelo filtro português, assim como os temas portugueses eram constantes numa comunidade de forte descendência portuguesa.

Isso se confirma mais ainda nos exemplos retirados dos jornais do século XIX, que mostram uma parte do que era lido na cidade gaúcha, como o *Rio-Grandense* de 27 jan. 1847, em que constam diversas obras doadas ao então Gabinete de Leitura, como *Tesouro da Mocidade portuguesa* e *Tributo português ao Libertador*. No mesmo jornal, de 28 abr. 1847, a *Revista histórica portuguesa* está para venda num livreiro local e, em 16 maio 1848, consta a obra *Amor e melancolia*, de Antonio Feliciano de Castilho. O livreiro Daniel Barros e Silva, em 24 nov. 1849, lista diversos livros, com destaque para *O expositor português* e, em 24 ago. 1850, põe a venda *Geraldo sem pavor ou A tomada de Évora*, de P. da Rocha Felgueiras

A mais óbvia das vertentes é a publicação de autores portugueses canônicos, como Antonio Feliciano de Castilho, Mendes Leal (1818-1886) e José Joaquim Rodrigues Bastos (1777-1862), este com a edição de *Meditações ou discursos religiosos*, publicada pela Tipografia de Cândido Augusto de Mello, em 1858.

Ocorre também a publicação de obras evidentemente plagiadas de edições portuguesas, como *O castelo de Otranto* publicada pela Typ. *Rio-Grandense* de B. Berlink, em 1856, que comete o mesmo erro na atribuição do autor do que a edição lisboeta da Tip. J. J. A. Silva, de 1854, que também atribui a autoria a seu tradutor: W. Marsgall.

Ao consultar as propagandas de livrarias rio-grandinas, encontramos igualmente várias referências a edições portuguesas ou de autores portugueses. Embora o jornal *A imprensa*, de 11 e 22 jun. 1855, aponte várias obras de autores franceses (Visconde d'Arincourt, Montolieu, Lesage, Sophia Pannier) sendo vendidas pela livraria de Candido Augusto de Mello, uma pesquisa no acervo da Biblioteca Rio-Grandense mostra que tais edições, com datas anteriores a 1855, eram impressas em tipografias portuguesas, como as obras *Ida* e *Ipsiboé*, editadas pela tipografia Rolandiana, de Lisboa, fazendo crer que são possíveis edições vendidas então por Cândido Augusto. Gisele Pereira Bandeira mostra igualmente que “outro livro publicado na capital portuguesa e que há no acervo da Biblioteca Rio-Grandense é *O Ateu*, de Sophia Pannier, que saiu à luz pela tipografia Rodrigues” (BANDEIRA, 2009). Já na propaganda de 25 de setembro, ocorre a inclusão de *A noite do Castelo e Ciúmes do bardo*, de Antônio Feliciano de Castilho (1800-1875), ao lado de romances do brasileiro Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882).

Outra propaganda pesquisada por Gisele Bandeira é da loja de livros de Daniel de Barros e Silva n' *O Diário do Rio Grande* (2 ago. 1855), no qual consta a obra *A mão do finado*, do português Alfredo Possolo Hogan (1830-1865), embora num jogo de marketing, seja em geral atribuída a Alexandre Dumas, pai (1802-1870). Dessa lista, destaca-se novamente um autor francês, Paul de Kock, com doze romances. No entanto,

dada a ausência de edições brasileiras anteriores a 1855 no acervo da Biblioteca Nacional brasileira e mesmo na Biblioteca Rio-Grandense^{iv}, conclui-se que as edições vendidas aqui eram as “obras traduzidas por Antonio Joaquim Nery e editadas pela sua tipografia Neryana, em Lisboa, entre os anos de 1841 e 1846 (BANDEIRA, 2009).

A partir dos autores e obras citadas no Catálogo de 1877, do que atualmente é a Biblioteca Rio-Grandense, encontram-se diversas referências à literatura portuguesa, como Almeida Garret, Camilo C. Branco, Júlio Dinis (1839-1871), Eduardo de Faria,

Arnaldo Gama (1828-1869), Alexandre Herculano, Alfredo Hogan (1830-1865), Francisco Leite Bastos (1841-1886), António Pedro Lopes de Mendonça (1826-1865), Urbano José de Sousa Loureiro (1845-1880), Augusto Loureiro (1839-1906), Antonio José Coelho Lousada (1828-1859), José Hermenegildo Correia, autor de *O diabo em Lisboa ou os mistérios da capital*, entre outros.

Interessante perceber a ausência de autores realistas já canonizados, como Eça de Queiroz, que – embora famoso desde a Questão Coimbrã, em 1865, já havia publicado *O Mistério da estrada de Sintra* (1870) e *O crime do padre Amaro* (1875), podendo demonstrar que o Realismo não penetrou tão rapidamente na cultura local. Mesmo Gustave Flaubert (1821-1880), já conhecido pelo romance *Madame Bovary*, de 1856, ainda não havia entrado no sistema literário de Rio Grande em 1887.

Acredita-se assim que foi através da leitura dos romances produzidos na Europa – e a ascensão do romance em Portugal tem sua importância – que os autores locais começaram a produzir, por exemplo, romances ao gosto do leitor sul-rio-grandense, já familiarizado com os romances românticos europeus, buscando seguir o estilo já consolidado.

Da mesma forma, é interessante comprovar que a temática portuguesa não deixou de trabalhada após a independência brasileira, mesmo por imigrantes lusos, apesar de todo o discurso de lusofobia constantemente citado em livros de história e de literatura.

Ainda que parcamente, pretendeu-se mostrar a importância da literatura portuguesa na formação e consolidação do sistema literário na cidade gaúcha de Rio Grande, pois mesmo a literatura de outras línguas lida aqui era conhecida e divulgada através do olhar (e obviamente das tipografias) da ex-metrópole.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. *Os caminhos do livro*. Campinas: Mercado de Letras, ALB; São Paulo: FAPESP, 2003.

ARAÚJO, Jorge de Souza. *Perfil do leitor colonial*. Ilhéus: Editus, 1999.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1902, 7 v.

CATÁLOGO dos livros do Gabinete de Leitura da cidade do Rio Grande de S. Pedro do Sul. Rio Grande: Tipografia do *Artista* de Antônio da Cunha Silveira, 1877.

CESAR, Guilhermino. *História da Literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo 1971.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. 2 v. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Academia Brasileira de Letras, 2001.

FERREIRA, Francisco Xavier. *Hino que se cantou na noite do dia 24 do corrente, pela feliz notícia da Gloriosa Elevação do Sr. Dom Pedro II ao Trono do Brasil*. Rio Grande: Tipografia de F. X. F., 1831.

FERREIRA, Francisco Xavier. *Relação dos festejos que fizeram os portugueses residentes na vila do Rio Grande do sul, em demonstração de seu jubilo pelo restabelecimento da paz, na sua pátria*. Rio Grande: Tipografia de F. X. F., 1834.

FERREIRA, Gladis Rejane Moran. *A presença do livro na imprensa rio-grandina no final da primeira metade do século XIX: 1845-1850*. Disponível em www.ceamecim.furg.br/vii_pesquisa/trabalhos/143.doc. Acesso em 14 fev. 2009.

HOBSBAWN, Eric. *A era dos impérios. 1875-1914*. Trad. Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOBSBAWN, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

MAGALHÃES, Mário Osório. *Opulência e cultura na província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a História de Pelotas. (1860-1890)*, Pelotas: ED. UFEPEL, 1993.

MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. UFRAS/IEL, 1978.

MATIAS, Ana Cristina Pinto. Francisco Xavier Ferreira e o início da imprensa no extremo sul. *Mafuá*, Florianópolis, ano 7, n. 12, setembro 2009. Disponível em www.mafua.ufsc.br/numero12/ensaios/cristina.htm. Acesso em 3 nov. 2009.

MORAIS, Francisco. Estudantes Brasileiros na Universidade de Coimbra (1772-1872). *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*. LXII (1940), p. 137-335.

MOREIRA, Maria Eunice (Coord.). *Uma voz ao Sul*. Os versos de Maria Clemência da Silveira Sampaio. Florianópolis: Mulheres, 2003.

NEVES, Décio Vignoli das. *Vultos do Rio Grande*. Santa Maria: Palloti, 1981.

PÓVOAS, Mauro Nicola. *Uma história da literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX*. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SOUZA, Bernardo Xavier Pinto de (org). *Mausoléu levantado à memória da excelsa Rainha de Portugal, D. Estefânia*. Rio de Janeiro: Livraria e Tipografia de Bernardo Xavier Pinto de Souza, 1860, p. 70-72.

SOUSA, J. Galante de. *O teatro no Brasil*. 2 v. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1960.

VAZ, Artur Emilio Alarcon; BAUMGARTEN, Carlos Alexandre; CURY, Maria Zilda Ferreira (org). *Literatura em revista (e jornal): periódicos do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais*. Belo Horizonte: FALE-UFMG; Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2005.

VAZ, Artur Emilio Alarcon. *A lírica de imigrantes portugueses no Brasil meridional*. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

VAZ, Artur Emilio Alarcon. Formação do sistema literário no extremo sul do Brasil: o início da imprensa em Rio Grande. *Cadernos Literários*. v. 15, p. 11-17, 2008. Rio Grande: FURG.

VIANNA, Lourival. *Imprensa gaúcha (1827-1852)*. Porto Alegre: Museu de Comunicações Social Hipólito José da Costa, 1977.

VIEIRA, Cila Milano; JAEGGER, Leila Maria Gama; CABERLON, Vera Isabel. *Levantamento bibliográfico de obras raras e/ou valiosas da Biblioteca Rio-Grandense*. Rio Grande: FURG, 1987.

VILLA-BÔAS, Pedro. *Notas de Bibliografias sul-rio-grandense*. Porto Alegre: A Nação/IEL, 1974.

NOTAS

ⁱ Nascido em 23 de agosto de 1809 na cidade portuguesa de Viana do Castelo, teria, segundo Blake, apresentado em 1837 o drama *José II e os salteadores de Mulberg*, em Niterói, e publicado no ano seguinte. Em Rio Grande, levou ao palco a peça *Os jesuítas ou o bastardo d'el Rey*, no Teatro Sete de Setembro em 21 de novembro de 1846, sendo impressa em 1848 pela tipografia de José Maria Perry de Carvalho e preservada somente pelo exemplar existente na Biblioteca Nacional. Em 1864, a editora baiana Tourinho, Dias & Cia. publicou sua obra *Gabriel Malagrida ou A conjuração dos távoras: crônica do século 18*. Coutinho e Sousa (2001, v. 2, p. 1623) apontam outros textos seus, sem indicação de local de apresentação ou publicação.

ⁱⁱ Nascido em 23 de julho de 1791 em Lisboa, destacou-se – na região extremo-sul brasileira – como poeta, latinista, professor público e defensor da monarquia. Grande parte de suas obras poéticas estão reunidas na tese *A lírica de imigrantes portugueses no Brasil meridional (1832-1922)*. Sua morte em

Pelotas, em 5 de setembro de 1860, foi confirmada em exemplares do jornal *O Brado do Sul* microfilmados na Biblioteca Nacional, desfazendo as dúvidas de diversos autores sobre sua morte.

ⁱⁱⁱ Sobre esse texto, ver estudo de Ana Cristina Pinto Matias (2009).

^{iv} Ainda nas palavras da pesquisadora Gisele Bandeira, “Porém, permanece a incógnita se essas obras de Kock, comercializadas por Barros e Silva, seriam edições cariocas ou portuguesas, pois foi encontrada uma edição do Rio de Janeiro de *João, ou O Poder do Amor* (1842), também de autoria de Paul de Kock. A publicação na corte de um livro desse escritor torna possível que existam obras de tipografias cariocas da lista apresentada no *Diário do Rio Grande*; e que, então, poderia circular tanto exemplares cariocas, como importações portuguesas.”